

24/06/2016 - 05:00

Tabuada dos negócios

Por **Jacilio Saraiva**

Pelo menos 50% dos estudantes da Germinare vieram de escolas públicas e a expectativa é que a parcela aumente para 95%, diz Francisco Serralvo, diretor executivo

Rafael, de 16 anos, cursa o 3º ano do ensino médio. Recebe uniforme, quatro refeições ao dia e material didático, além de acompanhar disciplinas sobre gestão de negócios em período integral, das 7 às 17h10 - tudo sem pagar um centavo. Mas ele não é um aluno da rede pública. O estudante, que também já fez estágio curricular no Banco Original, é um dos 525 matriculados da Escola Germinare, fundada em 2010 e mantida pelo grupo J&F Investimentos, com o apoio de 40 organizações privadas. O J&F, da família Batista, é dono de empresas como JBS, Alpargatas e Vigor.

A ideia da instituição gratuita, que cobre do 6º ano do ensino fundamental até a 3ª série do médio, é profissionalizar estudantes o mais cedo possível, com um programa que mistura matérias clássicas, como português e física, com aulas sobre lógica, finanças pessoais e mercado de capitais. O investimento por aluno, ao ano, chega a R\$ 28 mil. O orçamento anual, de R\$ 15 milhões, é bancado por empresas. No término do curso, os formandos recebem um certificado de técnico de administração.

"Mais do que reforçar o aprendizado tradicional, é importante trabalhar com crianças que se identifiquem com o mundo dos negócios", diz o cientista social Francisco Antônio Serralvo. Ex-executivo da Brahma e da Shell, ele está na área acadêmica há mais de 20 anos e, desde 2013, é diretor executivo da Germinare.

É com esse tipo de preparo que Rafael, egresso da rede pública de ensino, vai prestar vestibular, no fim do ano, para engenharia civil. As chances de ser aprovado são grandes. De acordo com números da Germinare, 75% da primeira turma formada pela instituição, em 2015, ingressou na universidade - e 63% desse grupo entrou em faculdades não pagas, muito concorridas, como a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Dos 37% que entraram em estabelecimentos privados, 60% conquistaram bolsas de estudos integrais, também por conta das boas colocações no vestibular.

A escola funciona em um terreno de 9,2 mil metros quadrados, no bairro Parque Anhanguera, próximo à Marginal Tietê, na zona oeste de São Paulo. As instalações, que reúnem 21 salas de aula, quadra poliesportiva e uma piscina semiolímpica de 25 metros de comprimento, foram projetadas pelo arquiteto Paulo Sophia, conhecido pela experiência na construção de escolas, com trabalhos inventivos como a Pré-Escola Móvel, no bairro de Moema, na zona sul da cidade, e o Bloco 17, do Objetivo Alphaville, em Santana de Parnaíba (SP).

Serralvo explica que a instituição recebe jovens com o intuito de capacitá-los para o mercado de trabalho. Na grade curricular estão 50 aulas semanais e uma bateria de estágios, a partir da 1ª série do ciclo médio, em três empresas do Grupo J&F: Swift, Flora e Vigor. "Estamos redesenhando o nosso ciclo de ensino. A partir de 2017, teremos turmas até o 4º ano do médio", diz. No ensino tradicional, não existe o 4º ano do ensino médio, mas como a escola tem perfil técnico, é possível adicionar mais um ano de ensino profissionalizante - e de três anos, o ciclo passaria a ter quatro, explica Vanessa Esteves, diretora de relações institucionais. Com a mudança, será possível ampliar os horários de aulas e das práticas profissionais. Hoje, 193 dos 525 alunos da escola já são estagiários.

Segundo o diretor, pelo menos 50% dos estudantes da Germinare vieram de escolas públicas. A expectativa é que essa parcela aumente para até 95%, a partir de 2018, por meio de novas seleções com mais escolas.

"Além da qualidade do ensino, gosto da preocupação dos professores em querer saber se gostamos das aulas", diz Ayla, de 14 anos, no 1º ano do ensino médio. Em fevereiro, ela iniciou um estágio na Swift, nas áreas de vendas, atendimento e estoque. O plano é tornar-se advogada. "Já estudo direito trabalhista aqui e, se puder, pretendo trabalhar na JBS." Maior processadora de proteína animal do mundo, a empresa tem 230 mil colaboradores e apresentou uma receita global de R\$ 163 bilhões em 2015.

Além de direito, os alunos da Germinare cursam disciplinas como raciocínio lógico e solução de problemas. No total, são mais de 3,2 mil horas de aula sobre administração de empresas, além da carga tradicional do ensino médio e fundamental. Para se ter uma ideia, de um cronograma anual de 22 disciplinas, até 18 matérias, dependendo da série, estão ligadas ao universo dos negócios.

"A proposta é trabalhar nos alunos um perfil de administrador", afirma a diretora pedagógica Maria Odete Perrone. Na Germinare desde sua fundação, ela trabalhou durante 18 anos na escola privada Pueri Domus. O programa de ensino, explica, inclui três anos de lógica e matérias como finanças pessoais, mercado de capitais e modelos de gestão, desde o 6º ano.

De olho nas exigências do mercado de trabalho, as lições de inglês também são valorizadas. "São cinco aulas por semana, a mesma carga horária de matemática", diz a especialista. Por conta do turno integral, que em algumas turmas se estende até as manhãs de sábado, ninguém leva tarefa para casa. "Tudo é resolvido em sala."

Os alunos precisam ler, pelo menos, quatro livros de negócios ao ano. A lista inclui sugestões como "Sonho Grande", de Cristiane Correa, sobre a trajetória dos empresários Jorge Paulo Lemann, Marcel Telles e Beto Sicupira (Editora Sextante, 2013); "Paixão Por Vencer" (Campus, 2005), de Jack Welch, ex-diretor-presidente da GE; e "Os Axiomas de Zurique" (Record, 2003), de Max Gunther, sobre investimentos e riscos financeiros. Todos os títulos podem ser encontrados na biblioteca da escola, que oferece 7 mil volumes, além de revistas de negócios.

"Incluimos aulas sobre modelagens de processos nas tomadas de decisão e a teoria dos jogos de John Nash", diz Odete. Mais conhecido do público depois que o filme "Uma Mente Brilhante" (EUA, 2001) contou parte de sua vida, o matemático americano Nash (1928-2015) ficou famoso por estudos com jogos em que os participantes precisam fazer escolhas com base nas decisões de oponentes.

Para dar conta do conteúdo especializado, a escola conta com 42 professores, sendo nove executivos, entre gerentes e líderes de departamentos, tanto da JBS como do Banco Original. Braço financeiro do grupo, o banco foi relançado sob um formato digital no início do ano, pelo atual ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, então presidente do conselho da J&F.

Rafael Harada, diretor de gerenciamentos de riscos da JBS, trabalha como mentor da cadeira de estatística. Ele orienta o professor titular e dá aulas sobre mercado de capitais para duas turmas, no 9º ano do fundamental e no 3º ciclo do ensino médio. No total, cuida de 50 alunos em sua primeira experiência em uma sala de aula.



Os alunos precisam ler pelo menos quatro livros de negócios por ano; todos os títulos podem ser encontrados na biblioteca da escola, que oferece 7 mil volumes

"Falo de um assunto que precisaria ser debatido nas escolas, desde as primeiras séries do colegial", diz Harada, que já trabalhou para a JBS nos Estados Unidos, por mais de três anos. "Independentemente das carreiras que os alunos vão escolher, como médicos ou administradores, é importante que tenham conhecimento sobre o mundo financeiro." Na semana da entrevista ao **Valor**, o professor tentava explicar o sobe e desce da moeda americana.

Para Eduardo Moreira, que ensina processos decisórios nos 8º e 9º anos, e pertence ao quadro de mestres do curso de administração da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), o trabalho na Germinare é um desafio. "É a minha primeira oportunidade de lecionar para crianças e adolescentes", diz Moreira, no ofício de professor desde 1982. "Para isso, tenho de tornar as aulas mais simples e lúdicas para que eles se envolvam com as matérias."

Os resultados mostrados pelos primeiros formandos indicam que o envolvimento tem sido efetivo. Da primeira turma graduada pela escola, em 2015, a maioria garantiu lugar em cursos superiores de alta e média concorrência por vaga, como direito, administração e economia.

"A única obrigação do aluno é passar de ano. Se não for aprovado, sai da escola", diz Odete. Quando isso acontece, não é raro ver pais chorando nos corredores. A boa notícia é que o índice de reprovação é considerado baixo, de 4% ao ano. "Todos os meus amigos querem estudar aqui", diz o aluno Rafael. "Quem não quer entrar em um colégio gratuito com qualidade de escola privada?"

Para evitar perder talentos ameaçados por notas vermelhas, a direção destaca monitores, escolhidos entre ex-alunos, para acompanhar o estudante em apuros. A direção também lança mão de avaliações de "360 graus", muito comuns no meio empresarial, para medir o desempenho das turmas. Nesse tipo de análise, o avaliado recebe "feedbacks" simultâneos de diversas pessoas, como pares e superiores.

"O mercado precisa de profissionais com competências empreendedoras", avalia Ana Burcharth, professora de inovação da Fundação Dom Cabral e PhD em administração pela Universidade de Aarhus, na Dinamarca.

"Misturar disciplinas comuns com economia e negócios pode ajudar a preparar talentos que lidem melhor, no futuro, com as situações de incerteza do ambiente corporativo."

Para a especialista, iniciativas que mudem o "status quo" da educação brasileira são sempre bem-vindas. "A sala de aula, na maioria das escolas, é a mesma de 50 anos atrás", diz. "Poucas evoluíram em termos de conteúdo e tecnologia aplicada ao ensino."

Neste ano, a Germinare vai mudar o processo de admissão válido para 2017. Mais rigoroso, ele tira de cena as inscrições abertas via site ou presencial e implanta uma seleção mais assertiva. "O objetivo é encontrar jovens que tenham potencial para se tornarem líderes e gestores", explica Serralvo. Os candidatos serão identificados em três vias: por meio de 97 escolas públicas parceiras, indicados por colaboradores do grupo J&F e entre os irmãos dos alunos já matriculados.

Para Karina Pagnez, professora do departamento de metodologia do ensino da Faculdade de Educação da USP, é certo que a educação precisa mudar e há necessidade de propostas alternativas. "Destaco a relação de escolas parceiras, que seriam campos de observação para escolha de estudantes potenciais. Mas fica uma preocupação: quais são os critérios para a seleção?".

Desde abril, seis "olheiros" da escola observam futuros candidatos do 5º ano do ensino fundamental em instituições da cidade, em bairros como Pirituba, Brasilândia e Jaraguá. Comportamento em sala, pró-atividade entre a turma, curiosidade e frequência são critérios decisivos para receber um convite para uma entrevista de seleção, afirma Odete.

A concorrência é acirrada. Neste ano, foram 3.320 candidatos para 100 vagas. Em 2017, a expectativa é manter o número de matrículas, com a avaliação de até oito mil nomes na primeira peneira, da qual sairão mil indicados. Os aprovados serão divulgados em dezembro.

Para manter essa engrenagem funcionando, a J&F Investimentos conta com o apoio de 500 pessoas físicas e 45 empresas privadas, que fazem parte do projeto Amigos da Germinare, criado há três anos. A iniciativa reúne empresas e organizações de vários portes, incluindo companhias como Klabin, Microsoft e KPMG. Neste ano, a Germinare ganhou da multinacional Bizerba, fabricante de equipamentos para a indústria alimentícia, uma doação de cem tablets. Já a Digital Pages, da área de tecnologia, pretende montar um sistema digital para abrigar todo o conteúdo de ensino.

"Mesmo com a crise econômica, as parcerias continuam", afirma Vanessa. Ela lembra que a família Batista, dos irmãos Joesley e Wesley, que controlam a J&F, teve a ideia de criar a escola em 2008, um ano também tortuoso na economia. "É nessas horas difíceis que temos que pensar no futuro." Para alguns dos estudantes da escola, esse futuro já bateu à porta: 25 ex-alunos conseguiram trabalho em empresas do grupo.

Para que surjam outras instituições similares, o diretor da Germinare afirma que ainda falta visão e "consciência" entre os grandes empresários para bancar investimentos privados na educação gratuita. "Não podemos deixar que só o poder público faça essa parte. Precisamos de novas oportunidades de ensino", diz Serralvo.